Fundação Getulio Vargas

Tópico: CPS

Veículo: Revista Veja - SP **Página:** 74

Data: 21/10/2015Editoria: MATÉRIA

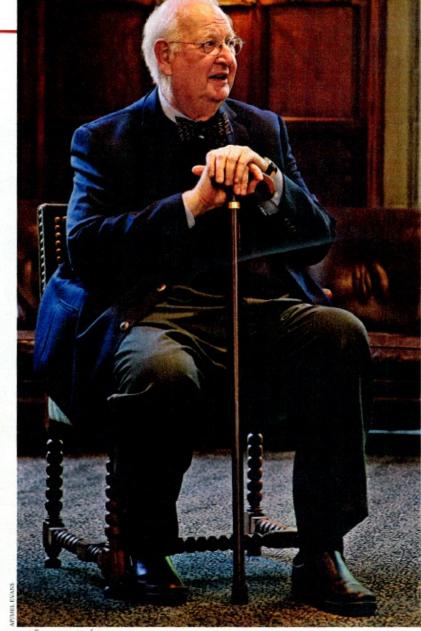


PRÉMIO À ECONOMIA COTIDIANA

O escocês Angus Deaton abriu caminho para a compreensão de como as pessoas decidem gastar e poupar o dinheiro

e o governo decide aumentar o imposto sobre produtos e serviços, como reagem as pessoas? Deixam de comprar? Escolhem alternativas? Se as famílias passam a ganhar mais, seja por meio da renda do trabalho, seja através de programas assistenciais, o que acontece? Compreender o comportamento do individuo e o que o leva a gastar ou a poupar é fundamental na definição de políticas públicas que pretendam ser eficazes na redução da pobreza ou no aumento do bem-estar da população. A pesquisa aprofundada sobre esse fenômeno foi uma das contribuições inovadoras que levaram o escocês naturalizado americano Angus Deaton a ser premiado com o Nobel de Economia. Ele se notabilizou pela rara combinação entre o rigor característico nas pesquisas de economistas premiados e a preocupação com a relevância e a aplicação prática dos estudos.

O trabalho de Deaton, que completa 70 anos na segunda-feira, professor da Universidade Princeton, influenciou a forma como dados são analisados em diferentes países. Pesquisas de domicílios como as que existem no Brasil, feitas principalmente pelo IBGE, passaram a ser reconhecidas como essenciais para entender padrões de consumo e poupança de uma sociedade ao longo do tempo. O novo Nobel também se destacou pelo estudo da desigualdade e de outros temas sociais. Até a década de 80, o bem-estar e a pobreza de uma nação tinham como referência a renda da população. Aumentos de rendimento dos estratos mais



VISÃO PRAGMÁTICA Deaton influenciou políticas de redução de pobreza

pobres eram entendidos como fenômenos de redução da pobreza. Mas isso
nem sempre correspondia à realidade,
especialmente se o processo não fosse
acompanhado de melhoria no acesso à
educação ou à saúde. É por essa razão
que Deaton critica a obsessão dos organismos multilaterais por métricas
como a linha de pobreza. A propósito,
o pesquisador não crê na eficácia dos
programas de ajuda estrangeira aos
países africanos. Segundo ele, esses
benefícios retardam a construção de
estados sustentáveis por si sós. O cres-

cimento econômico, e não a doação de remédios, reduz de fato a pobreza. Para o economista Marcelo Neri, do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getulio Vargas, ex-aluno de Deaton em Princeton, a principal contribuição de seu trabalho no Brasil está por vir: a importância de incentivar a poupança, em vez de estimular o consumo. "É um ensinamento que se mostra valioso para o país e as famílias brasileiras com o agravamento da crise e o aumento do desemprego", diz Neri.

MARCELO SAKATE